



## RESENHA:

**ULRICH, CLAUDETE BEISE; OLIVEIRA, VINÍCIUS SILVA DE (ORGS.).  
PANDEMIA DE COVID-19: EXPERIÊNCIAS, ESPIRITUALIDADES E  
ESPERANÇAS. SÃO PAULO: RECRIAR; VITÓRIA: UNIDA, 2020. 131 P.**

---

*Creuza Lealdina dos Santos<sup>1</sup>  
Julio Cezar de Paula Brotto<sup>2</sup>*

A obra em epígrafe tem sua primeira apresentação em formato de E-book. A organização do Ebook convidou autores e autoras, participantes do Grupo de Pesquisa Religião, Gênero, Violências: Direitos Humanos (REGVI) da Faculdade Unida de Vitória (FUV), que produzissem textos relativos às suas experiências, vividas durante o ano de 2020, mas que estivessem em sintonia com a temática que o Grupo de Pesquisa analisa: exclusão social e Direitos Humanos. Esses autores e autoras uniram esforços para expor seus anseios e compartilhar essas experiências nesse tempo de maior “crise sanitária e humanitária”<sup>3</sup> causada por um vírus altamente letal, que assolou, e ainda assola, de forma devastadora a vida dos seres humanos de todas as camadas sociais. O prefácio é assinado pelo Diretor Geral da FUV, professor Wanderley Pereira da Rosa, que destacou a importância da obra para o momento que passa a humanidade.

A Introdução, escrita, pelos organizadores, apresenta como o Ebook foi concebido e os passos tomados pelo Grupo de Pesquisa no decorrer do ano de 2020. São vinte ensaios/relatos de experiências que apontam para um tempo de esperança. Em *E “quarentena” se cumpriu*, a professora Alzirinha Souza utiliza a narrativa bíblica que vai desde o Gênesis ao livro de Atos dos Apóstolos, em busca do significado do termo “quarenta” nos diversos escritos bíblicos e afirma que a partir de 16 de março de 2020 é possível afirmar que “a quarentena da pandemia se cumpriu”. Abordou a crise que ultrapassou a quarentena, gerando solidão; o cenário político e as redes de televisões com os noticiários da pandemia. Encerra o texto, dizendo que “é nas situações em que o humano está mais ameaçado que a dignidade renasce, surge e se firma como a mais autêntica” (p. 23-27). O texto intitulado *Professorar na pandemia: “e daí? Lamento. Quer que eu faça o quê?”* escrito pela professora Anny Ramos Viana, bem-humorado, passeia pelas diversas dificuldades nas mudanças repentinas em que professores/as tiveram que se adaptar, submetendo-se à jornada exaustiva e sem tempo de descanso, uma vez que suas próprias casas foram transformadas em estúdios de transmissão de aulas, em detrimento a privacidade do aconchego doméstico. Destaca a falta de humanidade demonstrada na fala do chefe de Estado. Finaliza o texto, expressando a sua confiança na resistência e na vitória, para que o ano de 2020 seja esquecido (p. 29-31).

Em *Olhar pelas janelas... Portas trancadas!* o pastor Carlos Luiz Ulrich chama atenção para as portas que permanecem trancadas, impossibilitando os toques afetivos por imposição de um isolamento causado pela Covid-19. Em meio a esse caos, o autor volta o seu olhar para as janelas

---

<sup>1</sup> Advogada contratualista e bacharela em Teologia pela Faculdade Unida de Vitória (ES).

<sup>2</sup> Professor da Faculdade Unida de Vitória (ES). Doutor em Teologia pela PUC-Rio.

<sup>3</sup> FIOCRUZ *A pandemia de Covid-19 é uma crise sanitária e humanitária*, dizem pesquisadores. Disponível em: <<http://informe.ensp.fiocruz.br/secoes/noticia/45045/49462>>. Acesso em 02/05/2021.

do seu apartamento, a fim de se conectar com o mundo exterior. Destaca, que ao contemplar o horizonte em busca do mar, sobressaem as ruas vazias cujo silêncio é quebrado pelas sirenes das ambulâncias. Convoca leitores e leitoras para olhar a novos tempos, na esperança de que a pandemia seja vencida pelos cuidados e pela ciência (p. 33-34). A professora Claudete Beise Ulrich lembra a importância do abraço à cultura brasileira em *É tempo de afastar-se dos abraços*. No contexto de um tempo propício a cada realização, a autora encontra aconchego na sabedoria de Eclesiastes 3, cuja narrativa insere não só o tempo de abraçar, mas também o de se afastar do abraço em um tempo de dor cujo isolamento físico, imposto pela Covid-19, não permite a aproximação e o abraço nem para chorar a morte de pessoas queridas. Expressa o desejo de que a ciência em defesa da vida desenvolva “uma vacina eficaz”, para que se concretize a “vida em abundância anunciada pelo Cristo” (p. 35-40). A professora Creuza Lealdina dos Santos apresentou uma reflexão sobre a pandemia e a fé cristã. Faz uso da narrativa bíblica constata da epístola de Tiago (Tg. 4: 13-17) que, segundo a autora, é uma crítica ao planejamento carregado de autoconfiança exagerada. Toma o texto bíblico por analogia e expõe que de um dia para o outro a pandemia frustrou todos os planejamentos pela obrigatoriedade do isolamento social, seguido de grave crise econômica causada pelo fechamento de diversos setores. Finaliza explorando a expressão “se Deus quiser”, entendida carregada de esperança em um planejamento que vencerá a Covid-19 (p. 42-46).

O teólogo Eder Behling inicia sua reflexão *A descoberta do amor de Deus* afirmando que a pandemia proporcionou oportunidades para que pessoas fizessem várias descobertas. Cita o texto bíblico expresso por Jesus: “Onde dois ou três em meu nome estiverem reunidos ali no meio eu estarei” (Mateus 18:20), que fez parte da celebração ao retomarem os cultos presenciais. Isso o fez refletir na importância das pessoas próximas para que o Evangelho seja vivenciado na plenitude do amor de Deus, independente se fazem parte da família, amigos/as, colegas de trabalho ou sala de aula. O autor conclui expressando o sentimento do amor como algo gerado, criado, nutrido e aprendido na “relação com os outros” (p. 47-51). Edson dos Anjos Silva, professor de Matemática na rede pública e privada, no texto *Inovar/adaptar e nos reumanizar em tempos de pandemia da covid-19 é essencial* compartilha seu cotidiano vivido na pandemia, em que teve de se adequar a mudanças extremas em decorrência do isolamento social. No contexto familiar, o autor expressa que o simples fato de levar sua genitora para tratamento oftalmológico o colocava em conflito. Na vida profissional, teve que se reinventar na adequação de conteúdos que pudessem motivar os alunos nas aulas on-line. A princípio, sentiu-se violado em sua intimidade, depois percebeu que deveria se colocar no lugar dos seus alunos e interagir, conhecendo mais de cada um. Termina com o sentimento de que há muito o que evoluir, mas é preciso se colocar no lugar do próximo (p. 52-56).

Eduardo Luiz Beise Ulrich, professor de música no Colégio Sinodal da Paz em Novo Hamburgo/RS, em *Máscaras: uma leitura dos símbolos de seu uso em tempos de pandemia*, apresenta três perspectivas sobre o uso da máscara, um item que passou a compor o vestuário por força da pandemia. Na primeira abordagem, ele traz a máscara como “símbolo de esperança” que deve ser usada corretamente para a proteção de si e do próximo. Também pode ser vista como “símbolo revolucionário”, um sinal aos governantes que proteger a vida diante da economia é garantir o direito de cidadania. O terceiro tópico apresenta a máscara como “símbolo de cuidado”, usada como segurança de todos, visando o bem-estar coletivo (p. 57-60). A pedagoga Geisa Hupp Fernandes Lacerda leva leitores e leitoras a refletirem sobre *Os caminhos das dores, dissabores e o esperar na Covid-19*. Discorre sobre a agressividade da Covid-19 e das dores provocadas pelo distanciamento social, principalmente nas mulheres pobres e negras; usa a expressão “banzo” para relembrar o sentimento de melancolia causado pela escravidão, um sentimento que, como

professora que teve de transformar suas aulas presenciais em remotas, percebe na luta dessas mulheres. Assim, buscou forças na sua ancestralidade negra para continuar lutando sem reclamar, na esperança de uma cura que também traga respeito à terra e ao próximo, para que os dias difíceis sejam vencidos sem tanta exclusão (p. 62-65).

Helena Berger, militante no movimento ecumênico e no movimento de mulheres, em *Tempos de pandemia, fé e espiritualidade*, identifica os momentos cruciais quando os primeiros relatos da Covid-19 chegavam através da imprensa. Viu-se aí um vírus mortal se multiplicando, espalhando medo e insegurança. Descreve os primeiros quinze dias de isolamento, na crença que a “quarentena” era um remédio que paralisaria o vírus. Entretanto, as mortes na circunvizinhança era o sinal que chegara a hora de colocar a fé em ação e uniu-se às vizinhas em interseção pela causa. Também relata a solidariedade na fabricação de máscaras para doar à vizinhança, um projeto que se agigantou e atingiu orfanatos, lares de idosos, feiras e moradores de rua. Conclui falando de esperança e aprendizado, na certeza de que “Deus não nos abandona” (p. 66-72). O professor Julio Cezar de Paula Brotto narra o isolamento vivido na pandemia como uma oportunidade para o encontro de cada pessoa com o seu interior e também um exercício para que o indivíduo busque a sua experiência espiritual em *Um tempo propício para a espiritualidade*. Pondera ser o momento propício de reflexão sobre tudo que orbita ao redor, como também para traçar caminhos de enfrentamento que preserve a “sanidade física e mental” nesses tempos de crises. Encerra o texto dizendo que “ninguém é, e nem poderá ser, autossuficiente”, pois todos dependem uns dos outros, daí importância de se exercitar a espiritualidade (p. 73-75).

O musicista Louis Marcelo Illenseer inicia a sua exposição em *Pandemia – Covid-19: relatos de experiências e esperanças de um musicista na pandemia* com sensibilidade poética de músico. Nesse contexto, ele compara a pandemia da Covid-19 a uma tenebrosa tempestade em alto mar, em que os marinheiros sempre esperam o surgir da calmaria. Fala da ansiedade dessa espera angustiante, das incertezas, das mortes e do descaso político. Também narra sua experiência como profissional da música, que em meio a tantas dores e dificuldades de trabalho vê sobressair a sua inspiração para compor e musicar textos. Conclui a sua narrativa dizendo da necessidade de se sair das “zonas de conforto”, ajudando outras pessoas a superar este momento pandêmico (p. 77-82). A professora Maria Lina Rodrigues de Jesus narra no texto *Minha experiência na pandemia: olhares pandêmicos em busca de encontros, acalentos no desassossego do movimento de esperanças* sentimentos vivenciados por ela no isolamento da Covid-19. Segundo a autora, em um misto de angústia e ansiedade seu olhar se volta ao próprio interior e, como em uma viagem, percebe a fragilidade e finitude da vida. Nesse patamar, seu olhar se volta às chamas que consomem a Amazônia e o Cerrado brasileiro e entende que não se pode celebrar a vida com tamanho descaso, como também vendo outras vidas expostas e socialmente vulneráveis. Conclui, desejando que a pandemia passe e os olhares se voltem ao afeto e ao amor, ensinados por Jesus (p. 84-87).

Em *Leiloeiro do desânimo* o professor Mozart Noronha, ao estruturar seu texto o faz usando o gênero narrativo do conto em que o Diabo estava a leiloar seus bens, mas ao seu lado direito deixou algo coberto com uma toalha acinzentada com a seguinte inscrição: “não se dá, não se vende e não se troca”. O leilão já se findava quando alguém entre os presentes questiona o que era aquele objeto coberto e o Demônio levanta a toalha que deixa à mostra uma placa com a palavra “desânimo”, como sua principal arma de destruição. Nesse contexto, o autor apresenta a esperança como um antídoto contra o desânimo, antídoto esse que não possui efeito colateral. Fecha a sua reflexão com um verso de “A Esperança” do poeta Augusto dos Anjos (p. 88-90). Noutro texto de sua lavra *Reflexão sobre o bem e o mal em tempos de pandemia* reflete entre o bem e o mal em tempos pandêmicos, iniciando com a narrativa bíblica de Jó 1, verso 7, onde Deus questiona o Diabo de onde vinha. Assim, o autor transita entre os textos bíblicos de Jó, Isaías e Salmos e se atém no

Profeta Isaías (Is. 45:7) e chega ao cerne de sua meditação ao expressar que se “Deus criou o mal, logo o Diabo que representa o mal é a outra face de Deus”. Termina sua reflexão dizendo que são apenas inquietações da madrugada e conclama a todos a não perder a paciência e se unirem neste tempo de pandemia (p. 92-94).

Para a teóloga Nilza Pereira Machado *Haverá amanhã, sim!*. Fundamenta o seu texto nas mudanças trazidas ao cotidiano pela Covid-19 e como isso a levou ao exercício da espiritualidade, como também a perceber a importância das coisas antes consideradas simples. A autora vê no isolamento da pandemia um tempo de cuidado e solidariedade e também de aprender valorizar aquilo que é simples. Finaliza o texto com a letra do clássico “Amanhã” de Guilherme Arantes, uma canção de composição poética que celebra a esperança em um novo amanhecer (p. 95-97). Em *Os processos educativos em movimento precipitado: tecnologias, monólogos e esperanças* o professor Paulo Alfredo Schönardie, conduz leitor e leitora a um mergulho no cotidiano do profissional de ensino que, por força da Covid-19, teve que rever suas práticas pedagógicas. Entre outras coisas, destaca a sua experiência e o desafio preocupante na ministração das aulas virtuais a estudantes com limitação de acesso às plataformas digitais, o que o faz perceber a acentuada exclusão dos menos favorecidos socialmente. Conclui, chamando à reflexão do cenário pós-pandemia, para que esse “novo normal” sirva de aprendizado e de “uma ferramenta de auxílio nos processos pedagógicos” (p. 98-102).

O presbítero Reuber Côgo Daltio inicia a narrativa em *Uma esperança que não decepciona* declarando que a Covid-19 transformou seu modo de viver. Como coordenador de um centro de longa permanência de idosos, viu-se no desafio de impedir que os internos fossem contaminados por esse vírus mortal. Assim, ao menor sinal que indicasse possível contaminação, funcionários e colaboradores eram afastados. Apesar de todos esses cuidados, o autor declara que foi infectado por duas vezes, mas a instituição foi protegida e nenhum caso foi registrado entre os internos. Ao concluir o texto, diz encontrar-se esperançoso vivendo o cotidiano de um registro histórico da espécie humana (p. 103-107). A cientista da religião Taiane Martins Oliveira, ao iniciar seu texto *Espiritualidade do amor* declara ter se refugiado na leitura dos autores “Comte-Sponville, Luc Ferry e Clarice Lispector” para superar o período de reclusão. Através da narrativa, compartilha a preocupação e angústia com as consequências deixadas pelo vírus, trazendo falência pulmonar que torna o ato de respirar algo assustador e mortal, mas é em meio a tudo isso que as pessoas se voltam à espiritualidade. Conclui citando Lispector para dizer da necessidade de não só amar a si mesmo, mas também ao outro, vivenciando o presente para pensar no futuro “de forma coletiva e comunitária” (p. 109-111).

O mestrando Vinícius Silva de Oliveira propõe uma reflexão sobre *Pandemia, solidão e solidariedade: pensamentos sobre uma espiritualidade do amor* estruturando a narrativa a partir do isolamento social que foi capaz de revelar os genuínos amigos e irmãos, que mesmo afastados preservaram os laços afetivos. Em relação à religião, expõe que dois tipos de espiritualidades foram revelados durante a pandemia: o tipo que é visível no templo e o que se manifesta nos vínculos com a comunidade que, mesmo em meio a dor da perda, é visto em atos de justiça e solidariedade. Ao falar de si mesmo, o autor declara que sua espiritualidade foi invadida tanto pela emoção de ira, como de esperança. Finaliza falando de aprendizado e esperança, já que a pandemia demonstrou que estar perto nem sempre é estar próximo, mas sim “estar em amor” (p.112-114). No posfácio as professoras Marga Janete Ströher e Nivia Ivette Núñez de la Paz destacam a importância da obra para a comunidade acadêmica e para indivíduos que passaram e estão passando pelos desafios dos autores e autoras em função de que nos textos os autores e as autoras compartilharam experiências individuais, aprendizado e espiritualidade, em narrativas cheias de esperança.